

A constituição do sujeito e a formação do analista: o que a clínica com crianças transmite?

Valdelice França

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir como a clínica com crianças, a partir dos conceitos de constituição do sujeito: alienação-separação e travessia da fantasia infantil, pode contribuir para a constituição do desejo do analista e da sua formação através da análise pessoal e da sua implicação em uma instituição denominada Escola por Lacan. Essa reflexão foi feita a partir de estudos vivenciados em uma rede de pesquisa e um cartel da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Palavras-chave:

Constituição do sujeito; Formação do analista; Clínica com crianças.

The constitution of the subject and the formation of the analyst: what does the clinic with children transmitted?

Abstract

The objective of this article is to discuss how the clinic with children, based on the concepts of subject constitution: alienation-separation and crossing of children's fantasy, can contribute to the constitution of the analyst's desire and his training, through personal analysis and its implication in an institution called School, by Lacan. This reflection was based on studies carried out in a research network and a cartel of the School of psychoanalysis of the Forums of the Lacanian Field.

Keywords:

Constitution of the subject; Formation of the analyst; Children's clinic.

La constitución del sujeto y la formación del analista: ¿qué transmite la clínica con niños?

Resumen

El objetivo de este artículo es discutir cómo la clínica con niños, a partir de los conceptos de constitución del sujeto: alienación-separación y cruce de la fantasía infantil, puede contribuir a la constitución del deseo del analista y su formación, a través del análisis personal y su implicación en una institución llamada Escuela, por Lacan. Esta reflexión se basó en estudios realizados en una red de investigación y un cartel de la Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo lacaniano.

Palabras clave:

Constitución del sujeto; Formación del analista; Clínica con niños.

La constitution du sujet et la formation de l'analyste : que transmettre la clinique avec les enfants?

Résumé

L'objectif de cet article est de discuter comment la clinique avec les enfants, à partir des concepts de constitution du sujet : aliénation-séparation et traversée du fantasme de l'enfant, peut contribuer à la constitution du désir de l'analyste et à sa formation, à travers l'analyse personnelle et son implication dans une institution appelée École par Lacan. Cette réflexion s'est appuyée sur des études menées dans un réseau de recherche et un cartel de l'École de Psychanalyse des Forums du Champ lacanien.

Mots-clés :

Constitution du sujet ; Formation de l'analyste ; Clinique avec des enfants.

Constituição e formação, dois significantes que, durante o ano pandêmico de 2020, sustentaram dois importantes trabalhos realizados no Fórum do Campo Lacaniano de Brasília: a rede de pesquisa sobre autismo e psicose na criança, coordenada por mim, e o cartel de que participei, cujo tema foi “Da psicanálise em intensão à extensão – da formação analítica à transmissão”. A partir da leitura do *Seminário livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (Lacan, 1964/1979), quando nos debruçávamos sobre as operações de alienação e separação na constituição do sujeito, deparei-me com o seguinte trecho:

É nesse ponto de encontro que o analista é esperado. Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente. (...) E que não me digam que, esse desejo eu não nomeio, pois é precisamente um ponto que só é articulável pela relação do desejo ao desejo. Essa relação é interna. O desejo do homem é o desejo do Outro. Será que não há reproduzido aqui, o elemento de alienação que lhes desig-
nei no fundamento do sujeito como tal? (Lacan 1964/1979, p. 223)

Um despertar ocorreu com a leitura do texto citado, e algo da rede de pesquisa ligou-se às leituras do cartel. Há algo da constituição do sujeito e da formação do analista em comum, algo que ambos precisam atravessar para se constituir: as operações de alienação e separação. É sobre essa tese que trataremos neste artigo.

No *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1985/1976), o autor escreve sobre o funcionamento psíquico, ao mencionar a experiência de satisfação do bebê como sendo aquilo que permite o organismo retornar ao estado homeostático e estabelece as duas leis que o regulam (princípio do prazer e o princípio da realidade).

Freud (1905/2006) explica que, ao nascer, por sua dependência, o bebê precisa de outro ser humano para lhe dar um lugar de existência. “A essa condição Freud deu o nome de desamparo fundamental (*Hilflosigkeit*) do ser humano, que exige a intervenção de um adulto próximo (*Nebenmensch*) que perpetre a ação específica necessária à sobrevivência do ser humano desamparado” (Elia, 2010, p. 39). Tanto para Freud como para Lacan, o eu precisa desenvolver-se, diz Freud: “(...) uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo” (Freud, 1914/1976, p. 93).

Para Lacan (1960-1961/2010, p. 429), no *Seminário 8*, a origem do sujeito no campo do humano se daria a partir do registro imaginário, “a partir deste início radicalmente imaginário” do sujeito com o Outro, diz o autor. Entretanto, seria necessário que o registro do Outro, que funcionaria como um terceiro na relação imaginária dos semelhantes, intervenha para que essa relação se abra em uma dialética e possa acarretar “a fecundidade da própria relação narcísica” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 431).

Vamos exemplificá-lo num gesto da criança diante do espelho, gesto que é bem conhecido e que não é difícil de se observar. A criança que está nos braços do adulto é confrontada expressamente com sua imagem. (...) Desse outro, na medida em que a criança diante do espelho volta-se para ele, o que

pode vir? Nós dizemos que só pode vir o signo *imagem de a*, essa imagem especular, desejável e destruidora ao mesmo tempo, efetivamente desejada ou não. É isso que vem daquele para o qual o sujeito se volta, no próprio lugar onde ele se identifica nesse momento, na medida em que sustenta sua identificação com a imagem especular. (Lacan, 1960-1961/2010, p. 431)

No *Seminário 11*, Lacan (1964/1979) afirma que o sujeito se constitui no campo do Outro, imerso na linguagem e nos efeitos das operações de alienação e separação. A condição de desamparo com que o bebê vem à vida faz com que ele se experimente como um corpo despedaçado e sem significação. Esse caos só consegue ser suportado na relação com o Outro pela alienação. Na conceituação de alienação, Lacan (1964/1979) toma a direção de uma relação entre o sujeito e o Outro. Define o Outro como “o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (Lacan 1964/1979, p. 197). Assim a alienação do sujeito ao Outro é a primeira operação essencial que funda o sujeito, o alienando na imagem do outro e posteriormente na sua própria imagem.

No entanto, será necessário que o sujeito se desprenda do Outro. É através da segunda operação de constituição do sujeito — separação — que o sujeito alienado poderá confrontar-se ao Outro, dessa vez, não apenas como linguagem, mas como desejo. É preciso se separar do Outro para se constituir como sujeito e um sujeito desejante (Lacan, 1964/1979). E, segundo Lacan, o objeto *a* tem sua função nessa operação. “Pela função do objeto *a*, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação” (Lacan, 1964/1979, p. 243).

Para o entendimento da operação de separação, é importante destacar que o Outro é o lugar dos significantes do sujeito (Quinet, 2012). A articulação entre o primeiro par de significantes (S1 e S2¹) promove a possibilidade da constituição da cadeia discursiva pressuposta pela perda do objeto. Segundo Lacan (1964/1979), esse objeto suporta o que, na pulsão, é definido e especificado pelo que a entrada em jogo do significante na vida do homem lhe permite fazer surgir o sentido do sexo. “A saber, que para o homem, e porque ele conhece os significantes, o sexo e suas significações são sempre suscetíveis de presentificar a presença da morte” (Lacan, 1964/1979, p. 243).

Retornando ao bebê identificado como o único e exclusivo objeto de desejo do Outro, materno, vemos entrar em cena a figura paterna e a montagem do complexo de Édipo. Aquele que exerce a função paterna conduzirá a criança ao encontro da lei paterna. É na medida que a criança descobre que a mãe depende e está submetida a essa lei paterna, que a criança pode confrontar-se com ela. Sendo

1 S1 – significante mestre, e S2 – significante do saber.

assim, é a Lei do Pai que significa, que dá limites, que separa, que corta a relação de completude entre mãe e bebê, e que lembra a ambos que o desejo é da ordem do impossível. A partir disso, podemos perceber a importância do separar-se do Outro, a fim de que o sujeito se autorize a ser autor de sua própria existência, tornando-se um sujeito desejante.

Logo, a ideia que surgiu a partir do cartel e da rede de pesquisa é que, da mesma forma que na constituição do sujeito é fundamental o encontro com o Outro para que se possa trilhar o próprio caminho, na formação do analista, também existe o encontro com o Outro primordial e será necessário que algo opere da alienação e da separação para que desse encontro, o analisando possa autorizar-se de si mesmo e vir a surgir o desejo do analista.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, Lacan (1967/2003, p. 248) afirma que “O psicanalista só se autoriza de si mesmo”. Mais tarde, no *Seminário 21*, de 1973-1974 — *Les non-dupes errent* —, ele acrescenta “e por alguns outros” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 200). Em 1926, no texto *A questão da análise leiga*, Freud afirma que não se tornará um analista aquele que só teoricamente conheceu a psicanálise. A análise pessoal é o lugar onde pode tornar-se analista. Em 1910, Freud já nos lembrava que “(...) nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas (...)” (Freud, 1910/2006, p. 150). Nessa linha, só se entende verdadeiramente um texto psicanalítico quando se aprende a ler o inconsciente. “Leitura do inconsciente”, essa é a forma que Lacan (1972-1973/2020) propõe, no *Seminário 20*, de tornar possível passar o gozo ao dizer, e é o que permite ao sujeito fazer um percurso desde antes de uma análise, quando ele ainda se encontra no “não quero saber nada disso”.

No artigo “O estilo, o analista e a escola”, Quinet (1999) assinala que o analista opera a partir de seu estilo, através do qual ele sustenta o desejo do analista, sendo este o operador lógico de todo o processo analítico. Por sua vez, Lacan (1959-1960/2008) considera que o desejo do analista é uma função que se constitui a partir da análise do próprio analista, de sua experiência com o inconsciente em sua própria análise. O “sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser” (Lacan, 1967/2003, p. 259).

Porém, a análise pessoal não é só o que constitui a formação de um analista. E esta formação é atravessada pela alienação ao Outro no início do processo de análise. Que poderá ou não levar o analista a autorizar-se de si mesmo. Com a *Proposição*, Lacan (1967/2003) amplia a questão da formação para além do tripé freudiano, lançando sobre os próprios analistas a responsabilidade de sustentar um desejo absolutamente singular: o desejo do analista, no mundo.

Para que o desejo surja tanto na criança como no analista é preciso que ambos também sejam atravessados pela operação de separação, ou seja, não basta apenas a análise ou o autorizar-se. É importante fazer o exercício de laço com outros pares, outros lugares. Penso que esta seja uma das funções da Escola de psicanálise, através dos seus coletivos, seminários, cartéis, rede de pesquisas, promover a formação de analistas pela separação/transmissão da psicanálise através de um trabalho analítico articulado entre a psicanálise em intensão e a psicanálise em extensão, isto é, entre a experiência psicanalítica propriamente dita (análise pessoal) e a instituição psicanalítica (coletiva), e funcionar como referência para o laço entre os psicanalistas e possibilitar a transmissão da experiência do inconsciente, do caminho autoral de responsabilização, de ser presentificadora da psicanálise no mundo, e acima de tudo, de sustentação do desejo do analista.

Para concluir, faço algumas reflexões do que a clínica psicanalítica com crianças transmite sobre essas questões. Na análise de crianças, principalmente as que se encontram no campo da psicose, sustentá-las como sujeito é o desafio cotidiano que nos impõe essa clínica. Sendo assim, minha prática neste campo, tanto na clínica institucional como na clínica particular, apresentou-se como um dos maiores desafios, o não me deixar levar em minhas próprias fantasias de infância. Prates (2022) em seu livro nos alerta para a importante distinção entre infância e infantil, propondo que todo sujeito neurótico tomado em análise está posicionado em sua fantasia fundamental num lugar infantil e que o processo analítico visa exatamente o infantil.

Lacan (1964/1979) a meu ver menciona isto no *Seminário 11*, ao apresentar os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, a partir da constituição do Sujeito e seus operadores, em que vai introduzindo conceitos como objeto *a*, transferência, desejo, interpretação e outros. E nos leva a perceber que os conceitos fundamentais da psicanálise estão entrelaçados com o infantil que se apresenta no processo analítico. Logo, pressuponho que algo dessa fantasia da infância precisa ser atravessado nas análises pessoais daqueles que desejam escutar crianças, isso é o que a clínica com crianças tem me ensinado.

Acredito que assim como o sujeito que nasce em uma condição de alienação/assujeitamento, com uma história já contada sobre si, tem o trabalho de resgatar a sua história e apropriar-se dela para que possa vir a ser um sujeito no mundo, do mesmo modo o analista em formação passa por essa construção, de um lugar assujeitado/alienado perante esse Outro primordial, para ocupar um lugar ativo/separado e faltoso perante outros. E poderíamos pensar a Escola com seus dispositivos/coletivos, ser esse “alguns outros” que colaboram para ressignificação subjetiva na formação de um analista.

Referências bibliográficas

- Elia, L. (2010). *O conceito de sujeito* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1976). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição *standard* brasileira). (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1976). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição *standard* brasileira, 14). (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição *standard* brasileira). (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição *standard* brasileira, 11). (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2006). A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição *standard* brasileira, 20). (Trabalho original publicado em 1926)
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2018). *O seminário, livro 21: os não-tolos erram. Os nomes do pai* (F. Denez & G. C. Volaco, Trad. e Org.). Porto Alegre: Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (2020). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Prates, A. L. (2022). *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças* (2a ed.). São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Quinet, A. (1999). O estilo, o analista e a Escola. In E. Scherrmann & V. Pollo. *Comunidade analítica de Escola* (pp. 216-228). Rio de Janeiro: Marca d'Água.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar. (Passo-a-Passo, 94).

Recebido: 01/07/2022

Aprovado: 15/07/2022